

Livros Didáticos De História E Narrativas Sobre O Ensinar À Luz De Estudantes De Pedagogia

History Textbooks And Narratives About Teaching In The Light Of Pedagogy Students

Libros De Texto De Historia Y Narrativas Sobre La Enseñanza A La Luz De Estudiantes De Pedagogía

Joelson de Sousa Moraes*

José Carlos Aragão Silva**

Cristiane Dias Martins da Costa***

Resumo: O texto aqui apresentado foi tecido como resultado de uma pesquisa qualitativa envolvendo a participação e escrita de seis estudantes do curso de Pedagogia que interpretaram os modos de aprender e ensinar na escola fazendo usos de livros didáticos de História voltados para a Educação Básica na cidade de Codó, no estado do Maranhão. A proposta surgiu na disciplina de *Fundamentos e Metodologia do Ensino de História*, com discentes do 3º período do referido curso, no ano de 2023. O objetivo que embasou essa narrativa foi o de compreender as reflexões realizadas pelos estudantes dessa licenciatura sobre os usos do livro didático de História no cotidiano da escola. Os resultados apresentados pelos(as) participantes da investigação trazem diferentes temporalidades históricas que refletem sobre o que fazem, o que pensam em fazer ou o que já fizeram a partir de suas produções e reflexões com o uso do livro didático de História, aliando passado, presente e futuro numa mesma narração, dada a indissociável ligação histórica que une esses três momentos das experiências humanas no tempo, em sociedade e, também, no campo da educação e na formação docente.

Palavras-chave: Livro didático; ensino de história; formação docente; narrativas.

* Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). É Professor Adjunto do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/ Campus Codó-MA, Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE)/UFMA, do Programa de Pós-Graduação em Educação e Práticas Educativas (PPGEPE)/UFMA - Campus Imperatriz-MA e do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica (PPEEB)/UFMA-Campus Codó.
<https://orcid.org/0000-0003-1893-1316>

** Pós-doutor pela Binghamton University, NY/ EUA; Doutor em História pela Universidade de Brasília (UnB). É Professor Associado na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História, no Centro de Ciências de Codó – CCCO e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB/CCCO.
<https://orcid.org/0000-0002-0420-0531>

*** Pós-doutora pela Binghamton University, NY/EUA e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Associada do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)/Campus Codó. É Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica - PPEEB e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica – PPGEEB.
<https://orcid.org/0000-0003-2452-6296>



Abstract: The text presented here was created as a result of qualitative research involving the participation and writing of six Pedagogy students who interpreted the ways of learning and teaching at school using History textbooks aimed at basic education in the city of Codó, Maranhão, Brazil. The proposal arose in the subject of Fundamentals and Methodology of Teaching History, with students from the 3rd period of that course, in the year 2023. The objective that supported this narrative was to understand the reflections carried out by students of this degree on the uses of the book History teaching in everyday school life. The results presented by the research participants bring different historical temporalities that reflect on what they do, what they think about doing or what they have already done based on their productions and reflections using the History textbook, combining past, present and future in the same narrative, given the inseparable historical connection that unites these three moments of human experiences in time, in society and, also, in the field of education and teacher training.

Keywords: textbook; history teaching; teacher training; narratives.



Resumen: El texto que aquí se presenta fue elaborado como resultado de una investigación cualitativa que contó con la participación y la escritura de seis estudiantes de Pedagogía que interpretaron las formas de aprender y enseñar en la escuela utilizando libros de texto de Historia destinados a la educación básica en la ciudad de Codó, en el estado de Maranhão. La propuesta surgió en la asignatura de Fundamentos y Metodología de la Enseñanza de la Historia, con estudiantes del 3er periodo de dicho curso, en el año 2023. El objetivo que sustentó esta narrativa fue comprender las reflexiones realizadas por estudiantes de esta carrera sobre los usos del libro La enseñanza de la historia en la vida escolar cotidiana. Los resultados presentados por los participantes de la investigación traen diferentes temporalidades históricas que reflexionan sobre lo que hacen, lo que piensan hacer o lo que ya hicieron a partir de sus producciones y reflexiones utilizando el libro de texto de Historia, combinando pasado, presente y futuro en una misma narrativa, dado el inseparable vínculo histórico que une estos tres momentos de las experiencias humanas en el tiempo, en la sociedad y, también, en el ámbito de la educación y la formación docente.

Palabras clave: Libro de texto; Enseñanza de la historia; Formación de Profesores; Narrativas.

Introdução

Em processos pedagógicos e formativos que promovem uma visão histórico-social ampliada, crítica e reflexiva da educação e dos modos de saber, fazer e ser, em busca do aprender e ensinar com sentido e significado em relação à docência, são fundamentais as reflexões acerca dos conteúdos ensinados e discutidos no contexto da formação de professores(as).

E se “a história só é conhecimento pela *relação* que estabelece entre o passado vivido pelos homens de outrora e o historiador de hoje” (Ricoeur, 2010), que possamos tecer conhecimentos históricos-educacionais em diálogos com outros(os), na narração de experiências do vivido no campo educacional na formação docente.

Além da relação apontada por Ricoeur (2010) como fundamental para que a história se torne conhecimento, as multidimensionalidades didáticas que temos pensado e buscado realizar com estudantes dos cursos de licenciatura com os quais estamos atuando como professores(as) formadores(as) na docência universitária, faz-se necessário discutir e refletir sobre o livro didático de História, principalmente, quando estamos à frente de uma disciplina de *História da educação* que busque valorizar as múltiplas memórias, saberes e tradições culturais no território de pretos e pardos onde estamos imersos(as) e envolvidos(as) com a realidade local.

Assim, a escrita deste texto surgiu a partir de nossas experiências docentes com a disciplina de *Fundamentos e Metodologia do Ensino de História*, no 3º período do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no Centro de Ciências de Codó (CCCO).

Pensar e fazer no ensino de História no cotidiano escolar, envolve não somente voltar ao passado pela memória, mas situar o presente, nos acontecimentos que se processam no cotidiano dos sujeitos diante de sua realidade para interpretá-la atribuindo sentidos de sua existência e construindo conhecimentos que sejam valorativos e com sentido, além de ir articulando processos significativos que perspectivem um futuro em busca de novos sentidos de si, da educação, cultura e sociedade. Tendo em vista que “a história é construída em cima das experiências do presente e do passado. História, não é só o desenrolar da análise no tempo, é uma reflexão sobre o tempo da história narrada, analisada” (Paim, 2010, p. 90).

À medida em que realizam uma reflexividade narrativa diante da prática pedagógica da dialética entre o antes, durante e o depois, os(as) estudantes e professores(as) passam a compreenderem a si mesmos(as) em movimento,

tomando consciência do seu saber, fazer, saber-fazer e ser, no qual se transmuta em perspectivas potenciais de (re)significação e (re)elaboração dos saberes didáticos envolvidos nas dinâmicas do aprender e ensinar.

No ensino de História, esse dinamismo ganha ainda mais sentido, pois as temporalidades entre passado, presente e futuro se imbricam, possibilitando a produção de múltiplos e diversos conhecimentos. Tais conhecimentos situam o sujeito em uma diversidade de memórias, acontecimentos e expectativas que o inserem na sociedade, permitindo-lhe atribuir sentidos à sua existência, compreender seu legado cultural e projetar outras trajetórias formativas, históricas, educacionais, políticas e de tantas outras dimensões construídas a partir das experiências vividas.

Trazer uma reflexão sobre os conteúdos dos livros didáticos de História dos anos iniciais do Ensino Fundamental, não é só necessário como imprescindível na formação de professores(as), para se situarem como seres pensantes de quais currículos temos, mas também de quais queremos em função do tipo de ser humano que desejamos formar, para qual sociedade e com que finalidades.

Ademais, os conteúdos escolares presentes nos livros didáticos de História, guardam e são “lugares de memórias” (Fonseca, 1999), assim como fornecem uma base para provocar nos(as) futuros(as) professores(as) na formação inicial docente, seja a compreensão das informações, temas, abordagens, imagens e reflexões que estão presentes em suas páginas, assim como engendrar críticas que possam (re)direcionar e (re)posicionar os saberes e fazeres a mobilizarem em sua prática pedagógica em vista da efetivação do processo de ensino e aprendizagem.

Cabe sublinhar que uma questão norteadora dessa investigação se pautou em provocar: “que reflexões são produzidas em narrativas de estudantes de Pedagogia sobre os livros didáticos de História dos anos iniciais do Ensino Fundamental acerca do processo de ensino e aprendizagem na educação escolar?”. A partir dessa questão problematizadora buscamos compreender as reflexões narrativas de estudantes de Pedagogia sobre os usos do livro didático de História no cotidiano escolar.

A base teórica e epistemológica que utilizamos na investigação desse escrito pautou-se nos trabalhos de pesquisadores(as) que refletem os conhecimentos histórico-educacionais, cujas pesquisas e narrativas interpretam e debatem sobre o livro didático. Assim, elencamos aqui alguns autores que nos auxiliaram, tais como: Magalhães (2018), Bittencourt (2008), Choppin (2004), Ricoeur (2010), Goodson (2019), Paim (2010), Fonseca (1999), entre outros(as).

Convém assinalar que, inicialmente fazemos uma discussão acerca dos itinerários metodológicos desenvolvidos no processo de formação de professores(as) e os modos de fazer a pesquisa; a seguir, as narrativas dos(as) estudantes de Pedagogia a partir de suas percepções sobre o livro didático de História; e, por fim, são tecidas algumas considerações que ficam como lições e aprendizados.

Sobre itinerários metodológicos e modos outros de fazer pesquisa em formação

Como já mencionado, o estudo em pauta se inscreve como uma pesquisa qualitativa narrativa, que foi realizada no primeiro semestre do ano de 2023, com 06 (seis) licenciandos(as) do 3º período do curso de Pedagogia da UFMA, discentes do Centro de Ciências de Codó, localizado a 290 km da capital maranhense, São Luis.

Em vista do desenvolvimento da pesquisa narrativa inscrita no âmbito das pesquisas qualitativas em educação como proposto nessa investigação, defendemos sua pertinência na tessitura de uma ciência outra que se legitima numa aposta pluridisciplinar e pautada na expressividade narrativa de cunho estético-sensível como possibilidade de (re)invenção de saberes e conhecimentos diversos.

Essa defesa, está também em consonância com os princípios defendidos por Boaventura de Sousa Santos (2010), na tessitura de emancipação social que nos leva a pensar os diversos e diferentes modos de aprender, ser, conhecer e saber de forma solidária, crítica e emancipatória com diversos espaços, tempos, lugares e sujeitos e seus entrelaçamentos epistêmicos, políticos, éticos, estéticos e socioculturais.

Nessa mesma direção, é importante sublinhar que o que caracteriza as Ciências Humanas é a capacidade de efetuar processos que se dão na base da vivência e compreensão do mundo histórico-social, nos quais amplia as possibilidades do sujeito empreender uma consciência de si, nutrindo-se da construção de conhecimentos e (trans)formações no meio circundante (Dilthey, 2010).

Assim, os(as) estudantes envolvidos(as) com a pesquisa, cientes dessas assertivas citadas acima, passaram, portanto, a narrar suas experiências vividas e as reflexões que construíram acerca dos conteúdos do livro didático de História, mediados(as) por tais reflexões, críticas e posicionamentos que ajudaram a perceber de forma mais ampla o contexto da formação de professores(as) e a prática pedagógica experimentada no âmbito do cotidiano escolar.

Quanto aos dispositivos metodológicos que o estudo em pauta primou, ressaltamos que privilegiamos por escritas narrativas de estudantes de pedagogia e as interpretações que realizaram sobre o livro didático de História dos anos

iniciais do ensino fundamental. Com efeito, em se tratando do livro didático, que auxilia, sobremaneira, a organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico, no planejamento educacional, na avaliação da aprendizagem pelo(a) professor(a) além de sinalizar a construção de aprendizagens pelo(a) aluno(a) na educação escolar, foi fundamental para a investigação.

Em vista disso, concordamos com as finalidades e propósitos dos materiais didáticos como dispositivos que subsidiam a prática docente. Dito de outra forma, “[...] os materiais didáticos são mediadores do processo de aquisição de conhecimento, bem como facilitadores da apreensão de conceitos, do domínio de informações e de uma linguagem específica da área de cada disciplina (Bittencourt, 2008, p. 296).

É válido salientar que a pesquisa narrativa, situada no âmbito das pesquisas qualitativas, configura-se como um processo reflexivo no qual o sujeito narra suas experiências vividas em diferentes espaços e tempos da existência, tomando consciência dos itinerários trilhados e orientando novos projetos de vida, formação e profissão. Assim, os desafios dessa investigação não podem ser considerados conclusivos. Isso porque a “pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 51). Ou seja, uma parte do todo que envolve uma investigação acerca do livro didático de História para os anos iniciais da Educação Básica.

Nesse sentido, à medida em que fomos provocando os sujeitos a pensarem sobre o que fizeram e o que ficou em si e de suas experiências, a narrativa salta do pensamento à ação, ganhando visibilidade para quem narra, deixando marcas, e se efetuando a partir de afetações que caracterizam os processos de subjetividade de modo significativo no(a) narrador(a) e quem se apropria da narração das histórias. Do mesmo modo, a narrativa possibilita processos formativos, engendrando tessituras de saberes, aprendizagens e conhecimentos diversos sobre si, o mundo, as coisas, os acontecimentos, as relações, etc.

E para quem acompanha as reflexões narrativas construídas nesse movimento, como pesquisadores(as) da área, isso traz também imensas contribuições formativas, na legitimação de saberes plurais, solidários, democráticos e de relevância inestimável na formação e profissionalização docente. Assim, cabe enfatizar que:

Para nós, narrativa é o melhor modo de representar e entender a experiência. Experiência é o que estudamos, e estudamos a experiência de forma narrativa porque o pensamento narrativo é uma forma-chave de experiência e um modo-chave de escrever e pensar sobre ela (Clandinin; Connelly, 2015, p. 48).

Em termos práticos, o desenvolvimento da investigação se deu inicialmente com a escolha que cada estudante fez de um livro didático de História. A única exigência que fizemos foi que, sendo apenas um livro que corresponderia uma escolha livre, a obra deveria ser direcionada aos(as) alunos(as) do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

O passo seguinte foi levar o livro didático de História para a sala de aula no âmbito da universidade. Assim, socializaríamos e compartilharíamos, em sala de aula, os livros escolhidos pelos(as) seis discentes envolvidos(as) na investigação com todos(as) os(as) demais alunos(as) presentes. Na ocasião, realizamos a escolha do conteúdo de um dos livros elegidos. Em seguida foi definida uma música que mantivesse relação com esse conteúdo para veicular no dia da apresentação e explicitar suas compreensões e entendimentos.

As primeiras reflexões produzidas pelos(as) estudantes nas discussões orais que antecederam a apresentação nos dias escolhidos, foram para tirar dúvidas, dar outras orientações e fazer tomadas de decisões individuais, ou coletivas. Nessa oportunidade, os(as) estudantes fizeram observações e anotações no caderno afim de elaborar um roteiro de organização e planejamento de apresentação dos resultados.

O próximo passo, foi destinado para as apresentações dos resultados. Por meio de um processo que envolveu escanear e/ou tirar fotografias das imagens das páginas do conteúdo do livro didático de História escolhido por cada um(a) dos(as) seis estudantes individualmente, foram projetadas em aparelho de *datashow*, as imagens selecionadas, acompanhadas de debates, reflexões e outras percepções acerca do material.

Na etapa seguinte, que se deu após a apresentação, coube aos(as) professores(as) envolvidos(as) na investigação realizar questionamentos de teor reflexivo com o objetivo de despertar outros entendimentos e possibilitar a construção de conhecimentos outros por parte dos(as) estudantes. Assim, questionamentos tais como: "O que ficou em você desse estudo?" "O que mais lhe marcou?" "Que saberes e conhecimentos você construiu com essa atividade?" "Que contribuições e/ou críticas você tem a fazer do conteúdo escolhido no livro didático de História que analisou?" "O que você achou da sua apresentação?". Foram também importantes para uma espécie de autoavaliação.

O último momento consistiu no envio, por parte dos(as) docentes, para o grupo de WhatsApp da disciplina, de um questionário contendo cinco questões subjetivas, que

deveriam ser respondidas por cada licenciando(a) em Pedagogia e, posteriormente, devolvidas por meio do e-mail institucional, conforme as orientações fornecidas para a realização da atividade.

Quanto ao questionário, suas perguntas versavam sobre a disciplina, as demais atividades realizadas ao longo do semestre e, uma questão sobre o livro didático, que corresponde a uma atividade extra. Na verdade, esse processo fazia parte do conjunto de atividades avaliativas para atribuir a nota final na disciplina.

Importa destacar que, informamos aos(as) discentes que a análise das respostas referente às questões feitas levariam em consideração o maior nível de reflexão e profundidade que conseguissem ter e promover durante a escrita, em relação as respostas dadas. O propósito era perceber o teor crítico e reflexivo tecidos nas narrativas dos(as) discentes, fazendo com que não relatassem suas respostas somente de forma descritiva. Afinal de contas, quando passamos a narrar as experiências vividas, emerge o pessoal, o político, o econômico, o cultural, o social e outras tantas dimensões que na atividade de narrar permite se configurar em diversas experiências embricadas em nossas vidas.

Do mesmo modo, esse refletir na escrita de forma mais aprofundada, dá pistas para nós como professores(as) formadores(as) de compreender e interpretar como os(as) estudantes construíram seus próprios conhecimentos e críticas a partir do trabalho que fizemos como mediadores(as) do saber nas atividades acadêmicas e de pesquisas compartilhadas e vividas com eles(as).

Desse modo, partimos do princípio de que nossa “pesquisa é conduzida pela crença de que precisamos entender o pessoal e o biográfico se quisermos entender o social e o político” (Goodson, 2019, p. 17). Assim, embora os sujeitos participantes dessa pesquisa não tenham revelado suas narrativas (auto)biográficas, eles(as) trouxeram revelações pessoais, nas quais narram seus estados de pensamento, compreensões, críticas e interpretações das experiências vividas com as reflexões acerca do livro didático de História dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Apresentamos a seguir, o roteiro das questões que elaboramos e enviamos para os(as) estudantes da turma por meio do grupo de *WhatsApp* da disciplina:

Quadro 01 – Roteiro do questionário avaliativo enviado aos(as) estudantes

Nº	QUESTÕES DA DISCIPLINA FUND. E MET. DO ENS. DE HISTÓRIA
01	O que eu aprendi com a atividade do livro didático e o uso com as músicas como recursos Pedagógicos?
02	Quais críticas eu faço e quais as contribuições dessa atividade da análise do livro didático na Formação de professores(as)?
03	O que você achou e o que aprendeu com a atividade da postagem das fotografias e narrativas Visuais nas redes sociais desenvolvidas em nossa disciplina? (Visual Storytelling – narração Visual de histórias)
04	De que forma eu posso trabalhar a área e conteúdos de ensino de História na prática Pedagógica no cotidiano escolar?
05	Que conhecimentos eu construí na disciplina Fundamentos e Metodologia do Ensino de História?

Fonte: Produzido pelos autores.

Como é possível perceber, todas as questões elencadas, estavam relacionadas ao transcurso da disciplina a qual ministramos, tematizada: *Fundamentos e Metodologia do Ensino de História*. Porém, é válido enfatizar que, neste texto, priorizamos as respostas dos(as) estudantes que focalizassem suas reflexões acerca do livro didático de História em relação aos seus usos, reflexões e críticas. Enfim, ao modo como utilizaria de forma metodológica, pautando-se pelas análises que realizaram anteriormente, apresentaram na sala de aula, assim como pensaram em como fariam os usos metodológicos com o livro didático, se imaginando como futuros(as) professores(as) no cotidiano escolar.

Por isso, a maior parte das narrativas que aqui apresentamos, foram contempladas a partir das respostas que os(as) participantes do estudo trouxeram em relação a pergunta 2, que enfatiza as críticas e/ou contribuições dos conteúdos do livro didático de História que foi analisado e refletido por cada um(a), a partir das escolhas feitas individualmente de um conteúdo isolado e específico do livro escolhido.

Quanto ao perfil dos(as) estudantes que fizeram parte da pesquisa, suas idades compreendem um recorte cronológico entre 18 a 36 anos. E quanto ao gênero, como participaram apenas seis desta investigação, três são do sexo feminino e três do sexo masculino. Ressaltamos que não houve impedimentos para as participações, mas priorizamos a igualdade entre os sexos.

Nesta investigação os nomes revelados dos(as) estudantes são reais. Isso se deve ao fato de que fomos autorizados(as) pelos(as) discentes, já que o objetivo do trabalho era para fins de uso em estudos, pesquisas e suas possíveis publicizações. Assim nominadas as colaboradoras do sexo feminino: Ana Lina, Áurea e Marta. Os integrantes do sexo masculino são: Fernando, José Ariosvaldo e Lucas.



No que se refere ao processo de interpretação e compreensão das fontes de pesquisa à luz das narrativas dos(as) estudantes que participaram do estudo, primamos pelo uso da *hermenêutica da narratividade e temporalidade* em Paul Ricoeur (2010). Isso permitiu fazer um mergulho profundo nas reflexões escritas propostas pelos(as) estudantes, e a partir disso, compreender e interpretar acerca do que mencionaram em suas narrações em função do vivido, assim como dos aspectos outros gerados nos movimentos de formação trilhados que aliam as diferentes temporalidades em uma mesma narração: passado, presente e futuro.

Narrativas sobre os usos do livro didático de história na educação escolar

Os conhecimentos histórico-educacionais não estão dados, prontos e acabados, eles também podem ser construídos de acordo com a realidade vivida pelo sujeito, em função dos acontecimentos gestados no seu meio circundante e com os propósitos que se concatenam com a sociedade em suas diversas transformações culturais, políticas, econômicas, educacionais e outras mais no contexto atual.

À luz dessa reflexão, citamos que “[...] a história não está condenada a ser um campo de batalha entre pontos de vista irreconciliáveis; há espaço para um pluralismo crítico, o qual, embora, admita mais de um ponto de vista, não os considera todos igualmente legítimos” (Ricoeur, 2010, p. 200).

No que se refere à educação escolar, quanto mais recursos utilizados nas práticas de ensino, com diferentes metodologias e maneiras de fazer docente são empreendidas com os(as) educandos(as), maiores são as chances de consolidar processos de aprendizagens significativas, que possam ser construídas com sentido e significado pelos(as) mesmos(as).



No ensino de História na educação escolar nos anos iniciais do Ensino Fundamental, há muitas e diversas formas de ensinar e aprender, para além dos recursos disponibilizados, como o livro didático e o quadro. Até porque a construção de saberes e conhecimentos histórico-educacionais acontece em diversos tempos, espaços e com diferentes metodologias de ensino que se entrelaçam as experiências e os “lugares de memórias” (Nora, 1993).

Sobre o livro didático, em especial, este não é apenas uma ferramenta que deve ser utilizada tão somente como único recurso metodológico, pois existem diversos outros que podem ser promovidos por professores(as) em sua prática, a fim de empreender ações educativas e pedagógicas que primem pela diversidade de modos de aprender, saber, conhecer na educação escolar.

Conforme pontua a literatura sobre o assunto:

O livro didático não é, no entanto, o único instrumento que faz parte da educação da juventude: a coexistência (e utilização efetiva) no interior do universo escolar de instrumentos de ensino-aprendizagem que estabelecem com o livro relações de concorrência ou de complementaridade influem necessariamente em suas funções e usos (Choppin, 2004, p. 553).

Por sua difícil definição, devido a complexidade de suas funções, interpretações e interferências de muitos sujeitos na sua elaboração, circulação, distribuição e usos, o livro didático caracteriza-se: por ser uma mercadoria; ser um suporte de conhecimentos; ser um suporte de métodos pedagógicos; e ser um veículo de sistema de valores. Assim, inegavelmente, esse recurso didático-pedagógico representa um conjunto de ideologias nas quais sua forma, e, sobretudo, conteúdo revela um modo de ser de um povo, cultura, economia, educação, política, época e sociedade (Bittencourt, 2008).

Notadamente, entre os seus diversos contributos, “o livro escolar abre para o campo científico; para a relação entre conhecimento e desenvolvimento social; para a constituição e o estatuto da cultura escolar; para o universo da escrita como representação e criação, e como produto técnico” (Magalhães, 2018, p. 301).

Trazemos, nessa perspectiva, as narrativas de duas estudantes de pedagogia que retrataram suas compreensões nessa direção, alertando que o livro didático de História tem significativa importância na construção de conhecimentos, porém, é apenas um recurso entre outros tantos que precisam ser utilizados pelos(as) professores(as) em sua didática. Como demonstram as discentes:

Compreendi que o ensino de história não precisa estar preso exclusivamente aos livros didáticos, que é de extrema relevância que se atrela os conteúdos ao contexto do aluno, para uma melhor compreensão do mesmo. Ainda posso ressaltar que é sim possível utilizar diversas ferramentas para que as aulas se tornem mais dinâmicas e agradáveis tanto para o aluno, quanto para o professor, através de jogos, músicas, filmes e muitos outros, mas que faça sentido para ambos (Narrativa de Ana Lina, 15/07/2023).

Utilizar o livro didático, é importante sim, porém, não se deve ficar somente nele, temos que procurar meios didáticos para complementar nossa metodologia, fazer usos de atividades inovadoras, que proporcionem aos alunos, conhecimento, mas que também não sejam somente, atividades de “copiar” do livro para o caderno ou “tirar” do quadro, pois isso se torna enfadonho demais! O livro didático na formação dos professores (as), é uma ferramenta muito útil, só não podemos focar somente nele e, esquecer as demais práticas que nos auxiliam para uma aula mais significativa, obtendo assim resultados positivos (Narrativa de Áurea, 11/07/2023).

Nesse sentido, as reflexões acima evidenciam uma discussão relevante do ponto de vista da prática docente que foram percebidas por duas estudantes de licenciaturas, com relação ao uso do livro didático de História como recurso pedagógico utilizado no cotidiano escolar. Ao mesmo tempo em que reconhecem esse recurso em suas potências e contribuições na tessitura de conhecimentos necessários às aprendizagens discentes, reforçam uma crítica necessária no sentido de que o livro é apenas um recurso metodológico, entre muitos outros que podem ser encontrados e mobilizados pelo(a) professor(a) em sua prática pedagógica.

Desse modo, cabe ao(a) docente utilizar o livro como uma orientação didática, uma ferramenta que pode se somar a outras diversas metodologias de ensino, que, por sua vez, podem ser distribuídas e experimentadas nos tempos e espaços escolares. Acreditamos que essa percepção logo nos primeiros semestres de estudo das licenciandas é importante para seu processo de formação na docência, tendo em vista que futuramente estarão atuando como professoras. Acreditamos que suas práticas poderão ser mediadas pela reflexão do que fazem, mas também do que gostariam de fazer, primando pela criatividade, inovação e diversificação curricular e metodológica com os conteúdos históricos por meio do livro didático da área, tendo em vista ampliar o alcance qualitativo de aprendizagens significativas com seus(suas) alunos(as).

Todavia, isso não significa que estejamos diminuindo a importância do livro didático em sala de aula, até porque “a importância do livro didático reside na explicitação e sistematização de conteúdos históricos provenientes das propostas curriculares e da produção historiográfica” (Bittencourt, 2008, p. 313). Fato que deve ser interpretado e criticado pelos(as) docentes e futuros(as) professores(as) que farão uso do livro didático em sala de aula.

Nesse sentido, e levando em consideração as narrativas das estudantes Ana Lina e Áurea, refletimos que elas trazem algumas experiências educativas ao pensarem na condição de alunas da Educação Básica, mas, ao mesmo tempo levantam constatações feitas por elas de suas análises do livro didático de História, indicando algumas possíveis críticas desse recurso pedagógico e sinalizam hipóteses orientadoras da prática docente, que são fundamentais na construção de conhecimentos histórico-educacionais. Isso nos faz lembrar que “o livro escolar é a razão do educacional escolar, como representação e memória. É memória ativa da educação. O conteúdo ilumina sobre as matérias e a forma possibilita a intelecção e reconstituição dos métodos” (Magalhães, 2018, p. 301).

Em uma narrativa de outra estudante que fez a escolha do conteúdo do livro de História que tratou do tema *Quilombo dos Palmares*, a discente nota elementos importantes que não foram citados, mas que poderiam ser abordados no livro, o que os transformariam em ferramentas de produção de conhecimentos e informações sobre o assunto para os(as) leitores(as).

Sobre a atividade que possibilitou essa interpretação acerca do livro didático de História, a discente asseverou:

É interesse analisar o conteúdo didático que está tendo os dias atuais e perceber que temas e conteúdos tão importantes para o entendimento mental das crianças estão sendo reduzidos e resumidos em pequenas informações incompletas. Ao analisar o livro didático do 4º ano dos anos iniciais, percebi a redução de informações acerca de diversos conteúdos relacionados às culturas negras e relações Étnico-raciais, o que é preocupante, pois, é um meio de limitar a informação gerada pelas crianças (Narrativa de Marta, 19/07/2023)

O nível de criticidade produzida pela estudante Marta é considerado relevante quando observamos sua interpretação sobre o tema das culturas negras e das relações étnico-raciais. De fato, a licencianda enfatiza que essas temáticas necessitam ser bem articuladas e discutidas nos livros didáticos de História, uma vez que podem se apresentar como necessidades formativas, tanto para o(a) aluno(a) da Educação Básica em termos de aprendizagem, quanto para o(a) professor(a) no que pese aos conteúdos a ensinar.

Trata-se, portanto, de passar a ver, analisar e refletir os conteúdos do livro didático, a partir de uma perspectiva decolonial que ultrapasse uma visão eurocêntrica e dicotômica sobre os temas abordados, até para que as crianças possam ter contribuições na formação de si e de sua própria existência na tessitura de sua(s) identidade(s), como também da família, cultura, sociedade, enfim, de uma história que não pode ficar esquecida e muito menos reduzida como aprendizagem e conhecimento histórico no campo educacional. Isso porque, em se tratando da cultura negra, esta tem profundas raízes e contribuições na formação do Brasil, que historicamente foram relegadas em segundo plano ou mesmo silenciadas suas discussões historicamente nos livros didáticos.

Em face do exposto, problematizamos: "se os livros didáticos escolares trazem um conteúdo elementar e incipiente na tematização das culturas negras e afro-brasileiras, como podemos transmitir o legado histórico e cultural para as novas gerações?" "Que abordagens teóricas, metodológicas e didáticas podem ser promovidas na educação escolar com o uso desse recurso em diálogo com outras possibilidades formativas para que as crianças conheçam sua história, a de si mesmos(as) e a de seu povo?"

"Que história, memória, legado sociocultural e patrimonial podemos compartilhar com as crianças na educação escolar com o conhecimento histórico?".

Primeiramente, ressaltamos que a tematização sobre a cultura negra e afro-brasileira na educação escolar não é só importante, como necessária e de uma contribuição ímpar na formação dos sujeitos na sociedade. Sobretudo, porque historicamente a constituição da sociedade brasileira foi entrelaçada com o processo de miscigenação de diferentes raças e etnias, resultando no povo que somos, com os saberes plurais e diversos que construímos e temos, e com as características e modos de ser, fazer, saber que mobilizamos.

Uma segunda questão de valor inestimável diz despeito à importância dada pelas políticas curriculares nesse tema. Tanto que foi instituída a Lei nº10.639 de 9 de janeiro de 2003, na qual altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino, pública e privada a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira» (Brasil, 2003). Daí ser imprescindível que tanto no livro didático de História, quanto de outras formas, o(a) professor(a) passe a discutir e refletir sobre a História e a Cultura Afro-brasileira no cotidiano das crianças na Educação Básica.

Faz, então, muito sentido a crítica feita pela estudante Marta no tocante a esse assunto. Isso porque, muitas vezes, tornam o tema sobre a cultura afro-brasileira em um conteúdo simplista e elementar no livro didático, quando poderiam ser promovidas outras tantas e diversas discussões e abordagens sobre o assunto na prática pedagógica pelo(a) professor(a). De modo que, possibilitasse a formação de uma consciência histórica e uma memória sociocultural nas crianças, um direito de aprendizagem que deveria fazer parte de sua formação.

Conjeturamos que esse direito, que essa importante contribuição histórica também tenha faltado na formação escolarizada de Marta na Educação Básica, a qual hoje, pela sua narrativa, consegue perceber as lacunas no processo de formação inicial das crianças e no trabalho docente, quando o livro didático de História não é trabalhado de forma crítica. Com efeito, acreditamos que a experiência vivida pela licencianda nesta investigação poderá dar outros olhares quando estiver atuando profissionalmente.

Considerando o que já foi exposto aqui, convém salientar que temos consciência de que na história dos livros didáticos, estes passam por processos hegemônicos de controle, produção, consumo e circulação nos quais reflete-se muito do que se apresenta na sua forma e conteúdo. Dito de outra forma:

A concepção de um livro didático inscreve-se em um ambiente pedagógico específico e em um contexto regulador que, juntamente com o desenvolvimento dos sistemas nacionais ou regionais, é, na maioria das vezes, característico das produções escolares (edições estatais, procedimentos de aprovação prévia, liberdade de produção, etc.) (Choppin, 2004, p. 554).

Dado o “contexto regulador” que sublinha Choppin (2004), o(a) docente precisa sempre filtrar o que tem no livro didático para que possa aproveitar em matéria de conteúdos, aquilo que seja significativo a ensinar. E, caso perceba algumas lacunas nesse processo, poder construir outros referenciais teóricos, metodológicos, críticos e reflexivos de modo a tornar o ensino mais prazeroso, dinâmico e até atrativo para os(as) alunos(as), no sentido de despertar o interesse para se envolverem e aprenderem com as atividades propostas nas aulas abordadas.

Não obstante, deve-se ter consciência que isso, depende do modo como é feita e discutida a proposta com a turma. “Assim, as aulas de história precisam ser pensadas como um imenso campo de possibilidades. Um campo no qual se crie condições para que cada aluno e professor se sintam pertencentes à história” (Paim, 2010, p. 90).

Outra crítica sobre o livro didático de História, em termos de sua pouca abrangência e abordagens de conteúdos na área do conhecimento histórico, foi feita pelo estudante Fernando. Conforme pontua em sua narrativa, o licenciando consegue identificar aspectos significativos que se mostram incipientes para o(a) professor(a) ensinar em uma aula, tendo em vista um conteúdo tão reduzido que mereceria outras alternativas viáveis para dar conta da construção de um conhecimento mais completo para o(a) aluno(a), como o próprio discente sugere, com o uso da música como recurso pedagógico para se somar ao conteúdo utilizado.

Para Fernando (2023):

A crítica está diretamente ligada ao próprio livro, e a BNCC, que infelizmente trabalham assuntos extremamente importantes e sensíveis, de uma forma rasa e indelicada. O tema escolhido foi “Respeito” e no capítulo inteiro foram disponibilizados apenas 2 textos pobres de conteúdo e inúmeras atividades repetitivas. Porém, a apresentação sobre respeito foi bastante produtiva, quando falamos em formação de professores, temos em mente que precisaremos entregar o máximo para os alunos, tendo em mãos o mínimo de recursos, e aprender a utilizar recursos básicos como a música se torna extremamente importante (Narrativa de Fernando, 11/07/2023).

A visão crítica do estudante, que além de se posicionar sobre os conteúdos do livro didático de História, faz articulações com outros documentos oficiais nacionais,

como os preconizados pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), notando, entre ambos, relações e pouca valorização dos currículos escolares para promoção de aprendizagens voltadas para os sujeitos que estão na base da educação e que fazem parte do processo de escolarização.

De fato, o lugar dado ao ensino de História na BNCC passou por intensos e profundos tensionamentos na materialização no quesito “o que ensinar” na educação escolar. Como apontam Ralejo, Mello e Amorim (2021), a primeira versão dessa proposta curricular (2015) rompeu com a história tradicional, trazendo uma crítica ao eurocentrismo. Na segunda versão (2016), constituída de uma nova equipe escolhida pelo Ministério da Educação (MEC), propôs-se o ensino de História com uma dimensão mais conteudista e com uma visão abrangente e com um viés eurocêntrico. E na terceira versão (2017), poucas mudanças foram feitas em relação a anterior, além de lançar mão da perspectiva de competências presentes nas reformas de 1990 e incorporada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).

Como podemos perceber, a narrativa do licenciando está em consonância com as críticas feitas na literatura acerca do ensino de História no contexto atual, e que tem representado poucas e significativas contribuições nessa área do conhecimento no que se refere à BNCC para a formação das crianças na educação escolar. Atestamos, assim, a capacidade de atualização e construção de saberes legítimos e necessários na formação docente a partir do livro didático, que ganha uma outra história e memória pela narração das experiências tecidas pelos sujeitos envolvidos nesse processo, dando curso a outras formas de interpretação e compreensão da realidade vivida no âmbito histórico, social e educacional em outras tantas interfaces.

Constatamos, assim, que além de perceber as nuances, discrepâncias e redução dos conteúdos do livro didático no conteúdo sobre o tema *Respeito*, o licenciando Fernando reflete como seria a prática pedagógica, quanto ao papel do(a) professor(a) na utilização de recursos metodológicos, muitas vezes tendo que ensinar, sem ter apoio para tal ofício. Isso sem tocar, ainda, numa questão emblemática da profissão docente, que é a formação que atenda às necessidades e demandas do alunado, diante da escola multicultural que temos, em uma sociedade marcada pela ausência de incentivos e práticas culturais, caracterizada pela má distribuição de renda e até endossada pelas desigualdades, exclusões e diferentes formas de opressão.

Essa situação que deixa explícita a falta de um conhecimento e aprendizagem ampliada, mais completa e com maiores possibilidades de compreensão, interpretação e crítica dos conteúdos da realidade existencial, política, histórica e sociocultural dos sujeitos educandos(as) com os saberes do livro didático, representa um entrave ao

desenvolvimento potencial dos(as) estudantes e a construção de outros referenciais de vida, formativos e educacionais necessários que faria toda a diferença no exercício da cidadania e de sua própria existência no mundo.

Refletindo acerca desses entraves ao conhecimento dos(as) estudantes das camadas subalternizadas, percebemos que o livro didático, sobretudo, o da escola pública, é apenas um dos mecanismos, ou seja, a ponta do *iceberg* de controle ideológico do Estado, no que se refere ao que saber, aprender, conhecer, etc., no qual, os maiores desfavorecidos desse sistema desigual, são os(as) alunos(as) oriundos das classes populares. Pessoas que vivem em situações profundamente desiguais, com falta de condições básicas para sobreviver, quanto mais de aprender os conteúdos e conhecimentos necessários à vida em sociedade e ao exercício da democracia (Soares, 2017), que pela educação deveria ser promovida em sua inteireza, iniciando essa possibilidade no cotidiano escolar.

Enfim, essas e outras questões são necessárias quando se pensa na formação de professores(as), com objetivo de contribuir para a formação cidadã dos sujeitos na sociedade. Assim, trazer reflexões atuais sobre os conteúdos do livro didático de História a respeito de seu conteúdo e abrangência, bem como da pluralidade de abordagens e discussões que podem suscitar, são fatores relevantes para se construir outras interpretações acerca da História na qual sujeitos excluídos historicamente possam protagonizar suas histórias de vida a partir de outros referenciais históricos que façam sentido para suas vidas, com conexões com a cultura, o lugar de pertencimento e suas identidades.

E já que “o livro escolar ordena o conhecimento e a ação pedagógico-didática, com reflexo no ensino e aprendizagem” (Magalhães, 2018, p. 302), o que torna mais do que fundamental compreendermos as possibilidades de diálogos e problematizações promovidas no contexto escolar mediatisada pela ação docente. Sobretudo, quando esse profissional faz o uso do livro didático de História que nos remete a conjecturar uma diversidade de modos de pensar, fazer e provocar memórias, acontecimentos, fatos, narrativas e experiências nas temporalidades da história em suas mais diversas abordagens e discussões, suscitada da relação professor(a)/alunos(a).

A importância da relação professor(a)/alunos(as) é essencial para que possamos nos fazer “sujeitos históricos num processo relacional com o outro, tendo como elemento mediador a linguagem. Ao falar, dialogar, contar as nossas experiências e ouvir contar as experiências dos outros nos constituímos sujeitos” (Paim, 2010, p. 87). Noutros termos, essa troca de experiências entre sujeitos torna mais evidentes os elementos que os aproximam do que aqueles que os separam, os quais são

alimentados historicamente pelas ideias capitalistas de que a competição entre esses sujeitos é importante para serem vencedores na vida.

A assertiva assinalada por Dilthey (2010, p. 284), nos mostra também que “o mundo histórico está sempre presente e o indivíduo não o considera apenas de fora, mas está entretecido nele”. Isso corrobora com o fato de que, não é somente nos livros que está o conhecimento. As experiências, as histórias e memórias são parte do legado sociocultural que os sujeitos e a sociedade deixam no tempo através dos vestígios históricos que são interpretados pelos historiadores e colocados à disposição na historiografia. Assim, ao refletirem e narrarem sobre o que sentem, pensam e fazem, professores(as) e alunos(as) construirão outra história e memória, pautados pela sua própria realidade experiencial, afinal de contas “não se reescreve a mesma história, escreve-se uma outra história” (Ricoeur, 2010, p. 199).

Para além de uma visão hegemônica e pensando numa perspectiva de colonizadora, há, de forma significativa, o que aprender, ensinar, saber e fazer com as narrativas do cotidiano de cada um(a) dos sujeitos que convivemos no ambiente escolar, sejam docentes, discentes, as crianças, familiares e outras tantas pessoas que possuam uma pequena ou larga e plural experiência de vida que possa contribuir na construção de conhecimentos que seja diversos e democráticos.

Na tematização sobre os povos indígenas no livro didático de História, a narrativa do estudante Lucas revela constatações importantes acerca das necessidades formativas para o aprendizado do conhecimento histórico sobre essas comunidades. Observa-se que tal aprendizado ainda se dá, muitas vezes, por meio de uma reprodução de conteúdos históricos que perpetua visões desfavoráveis aos povos originários na educação escolar. Conforme a interpretação do licenciando em discussão, “*Ao analisar o livro didático, surgem críticas relacionadas à abordagem simplista e estereotipada dos povos indígenas, ausência de perspectiva indígena e falta de atualização dos conteúdos*” (Narrativa de Lucas, 20/07/2023).

Mas não há somente pontos negativos na análise do discente Lucas. Para esse estudante de Pedagogia:

[...] também há contribuições como o fornecimento de uma base teórica sólida, orientações metodológicas e estímulo à reflexão crítica. Essa análise possibilita aos futuros professores uma compreensão mais abrangente e aprimorada para o ensino de História sobre os povos indígenas (Narrativa de Lucas, 20/07/2023).

Há de se considerar, ainda, na sua interpretação, que a crítica realizada está articulada às suas percepções do conteúdo do livro didático de História sobre o tema

Povos Indígenas. Com efeito, isso foi reforçado na apresentação de Lucas no dia em que mostrou as abordagens tecidas no livro, observando que são simplistas e bastante reduzidas, o que dificulta que crianças menores de 10 anos aprendam de forma eficiente sobre o assunto.

Consideramos que um tema tão caro e sensível, já que faz parte da formação da identidade do povo brasileiro e está nas memórias das pessoas (mesmo que, algumas vezes, de forma estereotipada), perpassando diferentes gerações ao longo do tempo, assim como é parte relevante do patrimônio histórico e cultural de nossa sociedade, pois condiz com as origens e raízes de nossos povos, não pode ser um conteúdo que passe ligeira e sinteticamente em apenas uma ou duas páginas do livro didático de História para a Educação Básica.

Um estudo desenvolvido por Ramos, Cainelli e Oliveira (2018)¹ sobre as sociedades indígenas nos livros didáticos de História, evidenciam alguns avanços desde a década de 1970 até os dias atuais, em relação à temática indígena. De acordo com as autoras esses avanços são: a desconstrução de preconceitos; uma visão de respeito e compreensão das diferenças, bem como perspectivas pautadas pelo multiculturalismo crítico. Por outro lado, mostram retrocessos, tanto no livro do(a) professor(a), quanto do(a) aluno(a), no que se refere: à considerar os povos indígenas remetendo ainda ao período colonial; vê-los como uma cultura homogênea, sem respeitar suas especificidades; invisibilizar suas singularidades no contexto atual; além da falta de abordagens que mostrem suas lutas e conquistas por territórios, entre outros vários pontos nodais que são negados.

Ademais, cabe constatar ainda que:

[...] as populações indígenas surgem nos livros didáticos nos capítulos iniciais, quando da chegada dos europeus e para justificar a importação de mão-de-obra escrava africana, embora alguns mais recentes apareçam alguns dados sobre as condições atuais desses povos (Bittencourt, 2008, p. 305).

Outro ponto que analisamos nas contribuições do licenciando Lucas pela sua narrativa, está relacionado às diferentes abordagens metodológicas que o(a) professor(a) pode utilizar na educação escolar somando-se ao uso do livro didático. Como contributo, o discente mencionou a música por acreditar nas inúmeras possibilidades de aprender, ensinar e mobilizar os alunos da Educação Básica. Acreditamos que o licenciando veja essa metodologia aplicada ao conteúdo do livro didático como uma forma do professor diversificar e primar pela criatividade em



sala de aula, ampliando, desse modo, sua prática pedagógica no ensino de História e facilitando o conhecimento para que as crianças aprendam de uma forma lúdica e prazerosa.

No que se refere à interpretação de outro participante da pesquisa, o José Ariosvaldo, o licenciando destaca dois pontos em sua análise do livro didático de História: o primeiro é sobre a necessidade de uma maior articulação dos conteúdos com a realidade dos(as) alunos(as). Nas suas palavras:

Quanto as críticas ao livro didático, posso citar o fato de que muitos dos conteúdos ali inseridos não faz parte da realidade do aluno, seja levando em consideração o seu contexto local região/nacional, embora muitos dos conteúdos que nele são abordados são de grande relevância, para uma melhor compreensão poderia ter no mínimo de relação com a realidade dos alunos (Narrativa de José Ariosvaldo, 16/07/2023).

O segundo ponto que sublinha diz respeito as contribuições do livro didático enquanto um suporte necessário e direcionador do trabalho docente. De acordo com ele:

No que se refere as contribuições, o livro didático serve-se de grande suporte no auxílio ao professor quanto a forma de sistematizar os conteúdos e selecionar os melhores temas, sendo que essa seleção deve ser bastante subjetiva, pois o professor por conhecer a realidade do aluno tem oportunidade de explorar aquilo que, de fato, possa fazer diferença na vida dos alunos (Narrativa de José Ariosvaldo, 16/07/2023)



Analizando as interpretações realizadas pelos discentes do curso de Pedagogia acerca do livro didático de História para crianças do ensino básico do 1º ao 5º ano, notamos que existe um grau de maturidade significativa nas reflexões produzidas por esses(as) estudantes acerca dos conhecimentos histórico-educacionais presentes no livro didático de História. De fato, percebemos, ainda, a construção de uma consciência sobre o ser e fazer do(a) professor(a), os quais fazem bastante diferença na formação inicial docente.

Em termos mais específicos, levando em consideração a narrativa de José Ariosvaldo, vimos que a crítica mostra a necessidade de conteúdos locais no livro didático e a importância de abordar e ensinar os conteúdos do livro didático pautados na realidade dos(as) alunos(as). Acreditamos que essa constatação do licenciando se deve ao fato de que muitas vezes, os(as) professores(as) acabam transpondo o ensino do conteúdo tal e qual está no livro, sem associar com o contexto do público que está ensinando. Provavelmente, José Ariosvaldo tenha passado por esse processo e sabe como isso dificulta as compreensões, entendimentos e construção de aprendizagens por parte do alunado.

Nesse sentido, se faz pertinente e necessário que os livros didáticos de História não foquem seus conteúdos somente nas histórias de povos europeus e do sul e sudeste do Brasil, assim como não busque a centralização do saber nos livros didáticos, sejam eles de História ou de qualquer outra disciplina. Até porque, “não é suficiente, no entanto, deter-se nas questões que se referem aos autores e ao que eles escrevem; é necessário também prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela” (Choppin, 2004, p. 557).

Nesse sentido, fazer uma reflexão dos conteúdos presentes nos livros didáticos, a partir das narrativas de estudantes do curso de Pedagogia, permitiu construir outros referenciais críticos e reflexivos sobre o papel desse recurso pedagógico que poderá subsidiar a prática docente, bem como perceber que saberes e conhecimentos históricos, formativos e educacionais presentes nos currículos escolares estão sendo construídos e refletidos por futuros(as) professores(as), os quais precisarão se munir, de forma significativa, da reflexão crítica, para desenvolver uma prática mais consciente, transformadora e emancipatória.

Uma síntese provisória...

Producir conhecimentos histórico-educacionais a partir de reflexões narrativas na formação inicial docente acerca do livro didático de História, representa um vigor e a potencialidade de promover outras inúmeras possibilidades de aprender, ensinar, conhecer e se (trans)formar em movimento.

A pesquisa com estudantes de Pedagogia revelou saberes importantes de serem percebidos e construídos na formação de professores(as) com os conteúdos e metodologias de ensino de História na educação escolar, além de evidenciar outros referenciais formativos que se configuram de forma significativa para formadores(as) de professores(as).

As narrativas apresentadas pelos(as) estudantes participantes da pesquisa trazem diferentes temporalidades históricas que refletem sobre o que fazem, o que pensam em fazer ou o que já fizeram a partir de suas produções e reflexões com o livro didático de História, aliando, portanto, passado, presente e futuro numa mesma narração e mostrando a riqueza dessa forma de revelar suas experiências vividas no campo da educação e da formação docente.



É válido destacar que o presente trabalho evidenciou e interpretou saberes e conhecimentos a partir dos livros didáticos de História, pensando a prática pedagógica no cotidiano escolar com críticas e, ao mesmo tempo, contribuições desse recurso pedagógico, apontando experiências plurais envolvendo suas reflexões com metodologias voltadas para os(as) alunos(as) no processo de escolarização, as propostas didáticas em matéria dos conhecimentos a ensinar (currículo), as práticas avaliativas, e a organização do trabalho pedagógico (planejamento), nos quais se requer saberes e experiências necessários para empreender tais dimensões, que são inerentes ao trabalho docente.

De fato, não há aqui uma resposta pronta e acabada sobre o como ensinar um conteúdo da área de conhecimento de História às crianças na educação escolar com o uso do livro didático. Há sempre experiências e modos outros de saber e fazer nos quais podem se configurar como elementos indicativos e orientadores como sugestão a serem mobilizados na prática pedagógica docente. Entre estas, acreditamos que uma combinação de recursos metodológicos, que promovam práticas interdisciplinares e o uso de diversos recursos criativos e artísticos de modo a promover uma fruição e aprendizagens de forma simultânea, podem ser potentes meios privilegiados de construção de saberes e conhecimentos com as crianças.

Alguns desses saberes e fazeres metodológicos poderiam articular o estudo do livro didático com: jogos educativos; dinâmicas relacionadas aos conteúdos; letras de músicas que retratam determinados acontecimentos e fatos históricos; contação de histórias por parte dos(as) docentes relacionadas ao cotidiano das crianças, e que estas próprias contassem alguma história do seu convívio diário ou de algum membro da família e/ou da comunidade; representações que fossem construídas pelos(as) pequeninos(a) com imagens, pinturas, objetos antigos e históricos e por meio de desenhos; passeios a lugares históricos, prédios antigos, museus e outros monumentos que representam destaque ou tem um significado simbólico no imaginário sociocultural, político e da memória local; dramatizações, entre outras diversas metodologias.



Cabe ressaltar que algumas dessas atividades citadas (passeios a lugares históricos, prédios antigos, museus e outros monumentos), embora sejam importantes, não podem ser aplicadas em algumas regiões de nosso país dada as barreiras que a pobreza impõe sobre os estudantes das camadas populares, assim como para aquelas cidades e escolas que estão localizadas em municípios empobrecidos pela ganância de grupos oligárquicos que dominam a política, a economia e a vida daqueles que nestas cidades vivem.

Em suma, promover um estado de consciência e entendimento acerca da realidade da formação de professores(as) e dos recursos que podem ser utilizados na prática pedagógica escolar, como o caso do livro didático e as reflexões produzidas em narrativas por estudantes de pedagogia, mostrou-se relevante e um potente meio privilegiado de construção de saberes e conhecimentos na área do conhecimento de História.

A pesquisa trouxe ainda modos outros de entender a construção e materialização do currículo escolar, apontando necessidades formativas que se transmutaram em reflexões sobre as metodologias de ensinar a empreender na prática pedagógica docente, descortinando um conjunto de possibilidades didáticas sobre o aprender, ensinar, saber e conhecer na formação inicial docente e no cotidiano da prática pedagógica escolar.

Os usos das escritas narrativas na formação docente, e no contexto deste trabalho que se deu na construção de conhecimentos histórico-educacionais, possibilitaram tecer estados de consciência pelo sujeito, de tal modo que aliou percepções de si, como também desencadeou críticas do que considera pertinente ressignificar e de outros tantos referenciais que não faziam parte do seu rol de saberes. Por isso sua pertinência, na qual emergem conhecimentos potentes, legítimos e democráticos para a construção de novas e diferentes abordagens didáticas, avaliativas e curriculares no contexto educacional e, sobretudo, na formação docente, como, principalmente, na promoção de uma reflexividade que é (trans)formadora, democrática, solidária e emancipatória para quem pesquisa, estuda, ensina e forma professores(as), como para quem está diretamente antenado(a) com as mudanças, demandas e necessidades que permeiam os contextos formativos da docência, da educação escolar e da própria vida e formação humana como um todo.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de história: fundamentos e métodos*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. Presidência da República. Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 17 jan. 2024.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/GNrkGpgQnmdcxwKQ4VDTgNQ/>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. 2. ed. rev. Uberlândia: EDUFU, 2015.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Tradução Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. O livro didático de história: lugar de memória e formador de identidades. *SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA*, 20., 1999, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: ANPUH, 1999. v 1, p. 203-212. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1547483138_ae317e3b2ed4edf412dc25d6c7a2dbdf.pdf. Acesso em: 22 jan. 2024.

GOODSON, Ivor F. *Curriculum, narrativa pessoal e futuro social*. Tradutor: Henrique Carvalho Calado; revisão da tradução: Maria Inês Petrucci-Rosa e José Pereira de Queiroz. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

MAGALHÃES, Justino. O livro e a cultura escolar, mediação entre currículo e docência. In.: CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velásquez (org.). *História da escola: métodos, disciplinas, currículos e espaços de leitura*. São Luís: EDUFMA: Café & Lápis, 2018. p. 301-322.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de: Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, v. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 6 fev. 2024.

PAIM, Elison Antonio. Lembrando, eu existo. In.: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). *História: ensino fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. p. 83-104.

RALEJO, Adriana Soares; MELLO, Rafaela Albergaria; AMORIM, Mariana de Oliveira. BNCC e ensino de história: horizontes possíveis. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, p. 1-19, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/4jVvMMkVMzjLGYRrrBnKnft/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

RAMOS, Márcia Elisa Teté; CAINELLI, Marlene Rosa; OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. As sociedades indígenas nos livros didáticos de história: entre avanços, lacunas e desafios. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 7, n. 14, p. 63-85, 2018. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/471/281>. Acesso em: 17 jan. 2024.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tradução Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. v. 1.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Editora Contexto, 2017, 160 p.

Nota

¹ A pesquisa desenvolvida pelas autoras buscou analisar 14 fichas consolidadas do processo de avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2017, centrando a discussão sobre a forma como a temática indígena é tratada no Manual do Professor e no Livro do Aluno.